

A gestão de Orlando Miranda no SNT e os paradoxos da “hegemonia cultural de esquerda”

MILIANDRE GARCIA DE SOUZA

RESUMO

A partir dos anos 1950 até fins dos anos 1970, o teatro brasileiro vivenciou mudanças profundas que alteraram desde a dinâmica interna do fazer teatral nos campos da dramaturgia e interpretação até as implicações externas da indústria e política culturais. Um movimento artístico de efervescência no teatro que dialogou com mudanças estruturais no campo cultural. O desenvolvimento de um teatro engajado multifacetado que conviveu com projetos de políticas culturais em paralelo à estruturação de uma indústria cultural.

Diante das relações complexas que caracterizaram a produção teatral a partir dos anos 1960 e durante o regime militar, o teatrólogo Orlando Miranda na direção do Serviço Nacional de Teatro (SNT) atuou como mediador político no campo da cultura no período entre 1974 quando se deu início a um processo de distensão do regime vigente com o ingresso de Ernesto Geisel na Presidência da República e uma fase de redefinições das políticas culturais com a indicação de Ney Braga para o Ministério da Educação e Cultura (MEC) e 1979 quando se efetivou um agrupamento das agências de fomento às artes com a criação do Instituto Nacional de Artes Cênicas (Inacen) e Fundação Nacional de Artes (Funarte).

Dentre uma série de medidas que incluíam desde a criação de um concurso de teatro universitário e de novas categorias de premiação até a implantação de um programa de popularização do teatro e de federações de teatro amador, destacamos a reativação dos concursos anuais de dramaturgia que, de modo geral, sofreu os influxos da ditadura militar: foi criado em 1964 pela diretora Bárbara Heliadora que almejava criar formas de incentivo à produção nacional, foi suspenso em 1968 pelo diretor Felinto Rodrigues Neto porque as lideranças políticas não concebiam a existências de instâncias que

apresentavam ações contraditórias como o SNT que concebia prêmios a peças que, por sua vez, eram proibidas pela Divisão de Censura de Diversões Públicas (DCDP) e foi retomado em 1974 pelo diretor Orlando Miranda que buscava renovar as políticas de incentivo ao teatro assim como restituir o diálogo do governo com o meio teatral.

A análise dos concursos anuais de dramaturgia tem fundamental porque permite não só constatar se havia alguma predileção pela estética nacional-popular através do mapeamento das premiações, principal argumento de um determinado grupo que se sentia subjogado pela “hegemonia cultural de esquerda”, como também verificar como agiam as instituições públicas de governos autoritários, a exemplo das atuações díspares do SNT e da DCDP.

INTRODUÇÃO

A gestão de Orlando Miranda, o resgate do concurso de dramaturgia e, mais tarde, a criação de novas categorias e a expansão das premiações para outros estados marcaram a retomada do diálogo, interrompido desde 1968, entre as instâncias governamentais e os setores artísticos assim como a elaboração de políticas na área da cultura, iniciado a partir de 1974. Ao assumir o papel de mediador de interesses conflitantes, Orlando Miranda adotou uma postura legalista num regime de exceção e, assim, justificava a atuação das instituições do governo vigente.

Uma das primeiras iniciativas de Orlando Miranda como diretor do SNT foi reativar o concurso de dramaturgia que tinha sido criado dez anos antes na gestão de Bárbara Heliadora, também na direção da instituição.

A primeira edição do concurso aconteceu em 1964, quando foi criado no âmbito do SNT, e estendeu-se até 1968, quando sofreu uma abrupta interrupção.

O “Prêmio SNT” era um concurso anual de textos inéditos de autores brasileiros ou radicados no Brasil sobre assuntos relacionados à cultura brasileira. No primeiro semestre de cada ano abriam-se as inscrições do concurso, cujo resultado final era divulgado em meados do mesmo ano. No ato da inscrição exigiam-se seis cópias da peça assinadas com pseudônimo e um envelope lacrado com informações confidenciais como título da peça, pseudônimo usado, nome verdadeiro e endereço completo. As

exigências da inscrição no concurso visavam garantir lisura ao processo de seleção e, conseqüentemente, não identificar os autores das peças teatrais.

Os primeiros concursos costumavam premiar os dez primeiros colocados: do primeiro ao terceiro lugares com prêmio em dinheiro, edição da obra e auxílio para montagem e do quarto em diante com a publicação dos originais. Em quatro anos de existência do concurso, o valor dos prêmios ultrapassou a casa do milhão: o primeiro lugar dos anos de 1964 e 1965, recebeu 2 milhões de cruzeiros,¹ do ano de 1966, não temos estimados, e do ano de 1967, 3 milhões. Dito hoje, parece uma soma exorbitante, mas na época do cruzeiro não passava de um prêmio simbólico, valia mais pelo reconhecimento do trabalho, pela oportunidade de publicação e pela montagem do espetáculo. O SNT garantia o prêmio em dinheiro e a montagem do espetáculo e a Companhia Nacional do Livro a publicação dos originais.

Cabia ao diretor do SNT, além de presidir a comissão julgadora, indicar dois críticos e dois diretores de teatro do eixo Rio-São Paulo para integrar o júri do concurso.

A primeira edição do concurso de dramaturgia tinha como comissão julgadora Valdemar Cavalcanti e Anatol Rosenfeld, representantes dos críticos, e Gianni Ratto e Maurice Vaneau, representantes dos diretores.²

A primeira edição do “Prêmio SNT” realizada em 1964 para eleger a melhor peça de 1963, apresentou alguns incidentes, não relacionados às questões políticas do ano do golpe, como ocorrerão nos anos consecutivos, mas referentes à questão organizacional do concurso de dramaturgia que atou de forma desigual para tratar de problemas semelhantes.

O principal deles relacionava-se à peça *O Chão dos Penitentes*, de autoria de Francisco Pereira da Silva. Para se inscrever no concurso de dramaturgia, o autor da peça adiou a estréia no Teatro Jovem. Mesmo assim, a diretora do SNT e a comissão julgadora não homologaram a inscrição sob a justificativa de quebra de sigilo. O autor da peça não concordou com a decisão do júri já que casos semelhantes não sofreram igual sanção.

¹ Ver circular de divulgação do Prêmio Serviço Nacional de Teatro em PRÊMIO Serviço Nacional Teatro. *O Jornal*, Manaus, 17 maio 1964 e PRÊMIO de Cr\$ 2 milhões do Serviço de Teatro êste ano será disputado por 130. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 1 abr. 1965.

² PRÊMIO Serviço Nacional de Teatro. *Luta Democrática*, Rio de Janeiro, 21 jun. 1964.

Nos jornais da época, o jornalista Oscar Henrique saiu em defesa de Francisco Pereira da Silva porque, primeiro, considerava o sigilo relativo, pois ainda que a peça não tivesse sido apresentada, ela podia ser lida³ e, segundo, que títulos iguais para peças diferentes podiam cansar igual confusão. O jornalista Ney Machado, por sua vez, sugeriu a extinção do sigilo para evitar problemas semelhantes.⁴

No concurso de 1964, realizado no ano seguinte, das 100 peças inscritas, 10 foram recusadas e 6 premiadas.⁵ Naquele ano, não houve primeiro lugar, o segundo ficou com *Dez Para as Sete*, de Walter G. Drust, o terceiro com *Perda Irreparável*, de Vanda Fabiano, e mais três textos foram publicados.⁶ No concurso de 1965, premiado em meados de 1966, o número de participantes aumentou em trinta inscritos e o maior prêmio manteve-se em 2 milhões de cruzeiros. Sobre o concurso de 1966, com premiação em 1967, não dispomos de nenhuma informação.

No concurso de 1968, para eleger a melhor peça do ano, o número de inscritos e a qualidade das peças preocuparam a comissão julgadora e o pessoal do teatro. Apenas 86 inscritos e seis selecionados. A comissão julgadora composta por Van Jafa, Paulo Afonso Grisolli, Hermilo Borba Filho, Yan Michalski, José Renato e Fausto Wolff elegeu em primeiro lugar *Papa Highirte*, de Oduvaldo Viana Filho, em segundo *A Construção*, de Altimar Pimentel, e em terceiro *Suave é a Bomba*, de Luís Carlos Saroldi.

Ainda que a direção do SNT, sob responsabilidade de Orlando Miranda, não tenha privilegiado uma “hegemonia cultural de esquerda”, é importante destacar os vínculos políticos do corpo de jurados.

Segundo Fausto Wolff, tanto os três primeiros colocados quanto as três menções honrosas se equiparavam em qualidade artística, não traziam nada de novo nem fortaleciam o cenário teatral. Mesmo assim dispunham de potencial de montagem. No diagnóstico do jurado, o concurso de dramaturgia caracterizou-se pela baixa qualidade,

³ OSCAR, Henrique. O caso do concurso de peças do SNT. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 3 jul. 1964.

⁴ MACHADO, Ney. Concurso de peças e cláusula de sigilo. *O dia*, Rio de Janeiro, 5 jul. 1964.

⁵ WOLFF, Fausto. Concurso, prêmio e polêmica. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 10 set. 1964.

⁶ NÃO houve 1º colocado no “Prêmio Serviço Nacional de Teatro”. *O Globo*, Rio de Janeiro, 5 set. 1964 e L. B. L. Prêmio Serviço Nacional de Teatro. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 5 set. 1964.

limitação regional e desinteresse dos profissionais. De qualquer forma, as peças inscritas apresentavam níveis superiores a dos anos anteriores.

De modo geral, o jornalista da *Tribuna da Imprensa* sintetizou a situação dos concursos realizados naqueles anos da seguinte maneira: 1) mais de 50% dos concorrentes desconheciam a “carpintaria teatral”; 2) a construção dos personagens pautava-se por uma imagem estereotipada, por uma visão maniqueísta ou, então, pelo adjetivações excessivas; 3) a maioria dos autores desconhecia a realidade retratada, 4) a temática preferida era a pequeno-burguesa, 5) tentativa de análise por autores informados, porém sem nenhum traquejo na técnica teatral, 6) peças com idéias interessantes, mas sem desenvolvimento apropriado. Diante de tal diagnóstico, Fausto Wolff tinha expectativas positivas para as peças premiadas que se baseavam na correção monetária do valor do prêmio, na montagem das peças por companhias profissionais e no bom-senso da censura teatral.⁷

Contar com a sensibilidade de um instrumento de controle, a serviço dos governos militares, não impediu a proibição da peça *Papa Highirte* nem a suspensão do concurso de dramaturgia.

No jornal *Última Hora*, os jurados Yan Michalski, Paulo Afonso Grisolli e José Renato publicaram uma nota de repúdio à ação da censura:

Nosso protesto se dirige contra aquilo que o concurso representa no momento atual, na medida em que ele reflete a desastrosa e eminentemente hostil política do Governo Federal em relação ao teatro brasileiro. Um governo que se empenha, através de contínuas chicanas de uma censura implacável, arbitrária e ignorante, em cortar os vãos da dramaturgia nacional, em intimidá-la, em torná-la conformista e inócua, não pode estar sendo sincero nem coerente quando afirma – como procura fazê-lo através deste concurso – estar estimulando essa mesma dramaturgia.⁸

Essa oposição direta do corpo de jurados à atuação da censura de diversões públicas assinalava que possíveis vínculos com uma instituição cultural não garantiam apoio irrestrito dos setores intelectualizados. Acentuamos isso porque, uma das críticas à atuação do SNT na gestão de Orlando Miranda era a de que, independente das políticas de incentivo ao setor, este servia ao projeto repressivo da ditadura. No entanto,

⁷ WOLFF, Fausto. O que foi o concurso de peças do SNT – 1968. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 9 out. 1968.

⁸ SOB protesto. *Última Hora*, Rio de Janeiro, 7 out. 1968.

tratamos de uma conjuntura específica da história republicana na qual intelectuais e artistas participaram do debate de estruturação das políticas culturais sem curvar-se à ideologia dominante do regime autoritário.

A interrupção do “Prêmio SNT” se deu de maneira esquivada, quando se tomou consciência o fato já estava em vias de consumação. Em fins de 1968, a direção do SNT justificou que o atraso nas premiações devia-se à reformulação do concurso e o meio teatral deu-se por satisfeito com a explicação. No ano seguinte, os responsáveis pela organização não divulgaram o edital do prêmio e, assim, suspendeu-se ao único concurso nacional de dramaturgia⁹ e também se iniciou as manifestações de indignação dos setores intelectualizados.¹⁰

A segunda fase voltou a ser realizada só em 1974 quando o concurso foi resgatado por Orlando Miranda e estendeu-se até fins dos anos 1970 quando o SNT foi incorporado à Inacen. Para o responsável pela reativação, o SNT sem o concurso era o mesmo que uma igreja sem altar.¹¹

Para participar da comissão julgadora da edição de retorno, Orlando Miranda convidou Yan Michalski, Gianni Ratto, Ilka Marinho Zanotto, Hermilo Barba Filho e Celso Nunes. Além das 3 primeiras colocadas, das 5 peças publicadas, a comissão julgadora fez 13 indicações de leitura.¹²

Na avaliação geral do crítico Yan Michalski, as peças inscritas no concurso de dramaturgia não despertavam maior interesse do ponto de vista teatral e dramaturgicamente:

No seu conjunto, a dramaturgia representada no concurso redescobriu a velha missão catártica das origens do drama: muitos dos autores concorrentes parecem ter escrito suas peças atendendo exclusivamente ao inconsciente mas irresistível impulso de vomitar as freqüentemente terríveis tensões que as afligiam, e beneficiar-se assim de um processo de purificação, alívio e volta ao equilíbrio.¹³

No entanto, eram muito expressivas do ponto de vista sociológico:

⁹ SNT: o que há com o concurso? *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 23 abr. de 1969.

¹⁰ LEVI, Clovis. Escrevam: não sejam aliados do silêncio. *Ele & Ela*, São Paulo, n. 107, 7 mar. 1978.

¹¹ In: LUIZ, Macksen. Com o fim do concurso, o início do diálogo. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, [1974?]. Caderno B.

¹² PRÊMIOS SNT para os melhores espetáculos. *Revista Teatro 75*, Rio de Janeiro, 1976.

¹³ MICHALSKI, Yan. Cinco meses de obsessão dramaturgicamente. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 1974. Caderno B.

estou convencido de que seria muito mais interessante alguém tentar dissecar o lote, partindo de um enfoque sociológico. Com efeito, a soma das 371 peças traça, a meu ver, um fascinante perfil do Brasil de hoje, das suas preocupações e interesses, dos seus conflitos e entusiasmos, das inspirações e motivações que ele oferece a quem se propuser a filtrar sua vivência diária para as páginas de uma obra literária e teatral.¹⁴

Em meados da década de 1970, um dos jurados do concurso elogiou a retomada do “Prêmio SNT” e o meio teatral demonstrou-se favorável às mudanças, ao contrário do final da década quando os vínculos com o governo suscitaram severas críticas. Naquele momento em específico, o meio teatral aprovou as iniciativas de Orlando Miranda, sobretudo a retomada do “Prêmio SNT” há 5 anos em hibernação e a atualização monetária do valor do prêmio.¹⁵ Para o crítico do *Jornal do Brasil* e também júri do SNT,

sua resoluta iniciativa de ressuscitar, após seis anos de letargia, o Prêmio SNT, dotando-o de uma verba inédita em promoções congêneres, e garantindo ao júri, como condição *sine qua non*, uma irrestrita independência de trabalho e decisão, é um gol de placa que ele conquista a favor de sua gestão e, sobretudo, do teatro brasileiro.¹⁶

De fato, a nova edição do concurso de dramaturgia destacou-se pelo número de inscrições (371 peças inscritas e 75 textos selecionados) e pelo valor dos prêmios (50, 30 e 15 mil cruzeiros para os três primeiros colocados e publicação das primeiras cinco peças selecionadas).¹⁷ É importante ressaltar nem mesmo a liberdade do júri na seleção das peças e na escolha dos vencedores garantiu a validação do prêmio através da montagem do espetáculo e publicação da obra.

Uma curiosa coincidência marcou a retomada do “Prêmio SNT”. Em 1968, a peça *Papa Highirte*, de Oduvaldo Vianna Filho, foi vencedora do prêmio de melhor

¹⁴ Idem.

¹⁵ Para o jornal *Última Hora*, a quantia distribuída pelo SNT não era grande, mas servia de incentivo a um setor que acreditava no abandono do teatro pelas autoridades competentes e, desse modo, festejava as iniciativas com a esperança de se criar um novo caminho para um novo teatro. In: MAIS prêmios, mais dinheiro para criar. *Última hora*, Rio de Janeiro, 15 abr. 1975.

¹⁶ MICHALSKI, Yan. Cinco meses de obsessão dramaturgica. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 1974. Caderno B.

¹⁷ MUITAS inscritas, poucas escolhidas: quantas serão encenadas? *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 1974. Caderno B.

dramaturgia e responsável pela interrupção do “Prêmio SNT”.¹⁸ Em 1974, a peça *Rasga Coração*, do mesmo autor, assinalou a retomada do concurso e também teve a encenação proibida.

Ao ser indagado sobre o que achava do SNT premiar uma peça que, em seguida, era proibida pela DCDP, Orlando Miranda posicionou-se da seguinte maneira:

este é o papel do MEC, enquanto o papel que cabe ao Ministério da Justiça é o de permitir ou proibir em sua fase de encenação. Legalmente e constitucionalmente este é o direito que todos têm que respeitar. O que posso discutir, dialogar ou mudar é maneira de pensar daqueles que têm condições de legislar sobre censura. E aí é um problema meu, como homem de teatro. Estou à vontade para dizer todas essas coisas porque, antes de ser um homem do governo, sou um homem de teatro que respeita os poderes constituídos.¹⁹

Antes de falecer, em julho de 1974, Vianinha declarou ao *Jornal do Brasil* que tinha ganhado muitos prêmios, mas não tinha palcos para encenar as peças dele, porque ser premiado em concursos de teatro não garantia a aprovação do espetáculo nem amenizava o rigor da censura.²⁰

A restituição do concurso de dramaturgia assim como premiação da peça *Rasga Coração*, de um lado, reascenderam o debate acerca das incongruências da censura, questionava-se a real validade de um prêmio oficial que visava incentivar a dramaturgia brasileira num cenário de proibições; de outro, marcaram a retomada do diálogo, interrompido desde 1968, entre as instâncias governamentais e os setores artísticos assim como a elaboração de políticas na área da cultura, iniciado a partir de 1974.

No ano seguinte à retomada do “Prêmio SNT”, as inscrições de peças no concurso de dramaturgia (175 inscritas) não alcançaram metade do número do ano anterior (371 inscritas). A redução do número se deve a dois fatores essenciais: o primeiro relacionava-se a um ato de protesto contra a censura teatral e, o segundo, à pulverização das inscrições em novas categorias como o Concurso de Dramaturgia

¹⁸ Segundo Orlando Miranda, “não sei quais foram as razões que determinaram a suspensão em 1968, mas acredito que tenha sido a proibição de *Papa Highirte*, ainda que não exista nenhuma instrução escrita aqui no Serviço que determine esta suspensão e muito menos uma outra que o impedisse de voltar”. In: LUIZ, Macksen. Com o fim do concurso, o início do diálogo. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, [1974?]. Caderno B.

¹⁹ In: Idem.

²⁰ Apud ESCOLHA de “Rasga coração” ao Prêmio SNT-74 emociona os amigos de Vianinha. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 8 abr. 1975.

Infantil, o Concurso Universitário de Peças Teatrais e o Prêmio de Melhores Espetáculos.

As novas categorias de premiação anunciavam uma fase inédita na instituição. Como acentuou o jornal *Folha da Tarde*, uma presença mais dinâmica, renovada e eficiente²¹ que se convertiam em expectativas positivas acerca da gestão de Orlando Miranda.

Para selecionar os melhores espetáculos do eixo Rio-São Paulo, a comissão julgadora, ao invés de ser escolhida pelo diretor do SNT, correndo o risco de ser acusada de favorecer o “teatro empresarial”, foi formada pela ACET, no Rio de Janeiro,²² e Associação Paulista de Críticos de Artes, em São Paulo, mais coerente com a plataforma de representação do setor como um todo.²³

Junto às novas categorias de prêmios do SNT, continuava a se destacar o pioneiro Concurso Nacional de Dramaturgia. No “Prêmio SNT” de 1975, Bárbara Heliadora, Joel Pontes, Miroel Silveira, Silnei Siqueira, Leo Jusi e Orlando Miranda integraram a comissão julgadora do concurso de dramaturgia que, por sua vez, elegeu como melhores do ano *Domingos, Zeppelin*, de Marcus Vinicius, *Sonho de Uma Noite de Velório*, de Odir Ramos da Costa, e *O Palácio dos Urubus*, de Ricardo Meireles Vieira,²⁴ e também recomendou a publicação das peças *Ramón*, de Carlos Henrique Escobar, e *Kuka de Kamaiorã*, de Leilah Assunção, além da indicação de sete textos para leitura dramática.²⁵

Em meados do mês, a direção do SNT em parceria com o MEC anunciou novas medidas para o setor teatral que visavam ampliar as políticas de incentivo a outras áreas como a criação do Projeto Criança, centrado na formação do público do teatro infantil, o Projeto Memória, voltado para a preservação da história do teatro nacional, e a reforma da Companhia Dramática Brasileira, destinada à produção de grandes espetáculos teatrais.

²¹ O SERVIÇO Nacional de Teatro: dinâmico, renovado, eficiente... *Folha da Tarde*, São Paulo, 1º jul. 1976.

²² MICHALSKI, Yan. Movimento – premiações do SNT. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 16 mar. 1975.

²³ SNT premiará as 5 melhores peças. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 12 abr. 1975.

²⁴ MINISTRO dá prêmios e anuncia novo concurso. *O Globo*, Rio de Janeiro, 11 jun. 1976.

²⁵ O SERVIÇO Nacional de Teatro: dinâmico, renovado, eficiente... *Folha da Tarde*, São Paulo, 1º jul. 1976.

Um projeto cultural diversificado que visava o fortalecimento do teatro brasileiro, sobretudo da produção dramaturgicamente nacional, ainda que estivesse atrelado às políticas culturais do governo, particularmente ao Plano de Ação Cultural. Como afirmou Orlando Miranda num jornal da época: “sem uma dramaturgia forte e rica nosso teatro ficará sempre em estado de carência”.²⁶

Mas não era toda dramaturgia que era incentivada pela instituição. Na entrega dos prêmios aos vencedores de 1975, o diretor do SNT afirmou que o texto teatral merecia todo apoio possível, desde que preservasse alguns critérios como o de “testemunhar às futuras gerações, sobre o momento que vivemos, nossas inquietações, angústias e alegrias”.²⁷

É claro que aquele momento histórico não era só de asfixia política, mas, de certa forma, essa concepção de dramaturgia relacionada ao tempo presente explica porque uma parte considerável das peças premiadas apresentavam tantos questionamentos de natureza política.

Além dos prêmios já existentes, os concursos do SNT contemplaram também os espetáculos para adolescentes na faixa de 10 a 16 anos. Os primeiros prêmios foram para a peça o espetáculo infanto-juvenil *Palhaçadas*, do Grupo Carreta, no Rio de Janeiro, e *Testiu, o Menino do Polegar Verde*, em São Paulo.

Em meados da década, os concursos do SNT não só contemplaram novas categorias como também se expandiram para outras capitais com as seguintes premiações: Melhores Espetáculos do Rio de Janeiro, de São Paulo, de Belo Horizonte e de Salvador, e Melhores Espetáculos Infantis do Rio de Janeiro, de São Paulo, de Porto Alegre, de Curitiba, de Brasília e de Fortaleza.²⁸

O “Prêmio SNT” de 1976 contou com 157 peças inscritas.²⁹ A melhor peça de teatro foi *Patética*, de João Ribeiro Chaves Netto e o melhor espetáculo da cidade do Rio de Janeiro foi *Gota D’Água*, de Paulo Pontes e Chico Buarque, e de São Paulo foi *Ponto de Partida*, de Gianfrancesco Guarnieri. Cabe destacar que as três peças vencedoras de concursos do SNT discutiam tema de natureza sócio-política, tiveram

²⁶ In: MINISTRO dá prêmios e anuncia novo concurso. *O Globo*, Rio de Janeiro, 11 jun. 1976.

²⁷ In: Idem.

²⁸ SNT divulga resultado prêmios espetáculos de 1976. 16 fev. 1977.

²⁹ MICHALSKI, Yan. Concursos do SNT: em julgamento. *Jornal da Tarde*, Rio de Janeiro, 2 maio 1978.

problemas com a censura de diversões públicas e integravam a tradição comunista da dramaturgia nacional.

Durante a organização do 9º concurso de dramaturgia, o diretor do SNT recebeu uma carta dos jurados que ressaltava a importância do evento para o teatro brasileiro que só poderia se converter numa contribuição efetiva se houvesse a validação dos prêmios que, até então, era impedida pela ação da censura. Assim, se o “Prêmio SNT” era uma forma de incentivo ao teatro nacional, também se transformara numa premiação simbólica diante das ações externas.

Ainda importante para o desenvolvimento do teatro nacional, o “Prêmio SNT” já se mostrava inoperante desde as primeiras proibições das peças vencedoras *Papa Highirte*, concurso de 1968, e *Rasga Coração*, de 1974, mas a situação tornou-se insustentável com o episódio de premiação da peça *Patética*, de 1976.

A premiação da peça *Patética* caracterizou-se por uma série de acontecimentos, desde ser eleita melhor peça do ano por unanimidade até ser apreendida por órgãos de segurança durante a realização do concurso.

Ao contrário do que ocorria com os premiados no concurso, a peça não foi publicada pelo SNT, mas sim pela editora Civilização Brasileira. A orelha foi escrita por Maria Helena Kühner e o prefácio por Fernando Peixoto, ambos integrantes do júri no concurso de dramaturgia.

Independente de acreditar na lisura dos concursos de dramaturgia e da honestidade do diretor do SNT, o meio artístico e intelectual não deixava de pressionar os responsáveis pela entrega dos prêmios. Na “corda bamba”, Orlando Miranda “pisava em ovos”. Devido a imprecisão das conseqüências, o diretor do SNT não optou por acusar as autoridades do governo de interferir na entrega dos prêmios nem buscou incentivar um levante do meio artístico e intelectual. Além disso, pressionar os setores do governo ou incentivar o protesto do setor tinha se constituído num esforço inútil como atestou as experiências anteriores. Diante do impasse, o diretor do SNT preferiu assumir a culpa pelo *imbróglio* a ver o concurso comprometido, por isso, dava respostas lacônicas aos inúmeros questionamentos. Quando questionado por um jornalista da Folha de S. Paulo sobre alguma anormalidade durante a realização do concurso, Orlando Miranda apenas respondeu que não, que ninguém tinha culpa pelo atraso, nem

o júri, nem a censura, apenas ele mesmo. Só não entrou em detalhes sobre os motivos de ser ele o culpado pelo atraso.³⁰

Dois meses depois, ainda não se tinha resolvido o problema do atraso nem se sabia o motivo do confisco. Pressionado de todos os lados, Orlando Miranda declarou ao *Jornal do Brasil*:

Eu não devo falar mais nada. O SNT teve todo o apoio do Ministério da Educação. O bom repórter precisa de informação e, se eu falar, vou falar coisas incompletas. Esta é a primeira vez em três anos que me nego a dar declarações à imprensa. Quero frisar que ninguém me impediu de dizer nada. É uma posição minha. Só peço que não tenham o SNT como mira. E aproveito para lançar hoje o 9º Concurso de Dramaturgia. Vamos prosseguir.³¹

Em protesto ao episódio da peça *Patética*, o júri do Prêmio Molière se recusou a conferir o prêmio de melhor autor do ano de 1977:

consideramos prejudicada qualquer tentativa para indicar o melhor autor de 1977, uma vez que o acesso à dramaturgia brasileira foi cercado, quer pela proibição de obras já antigas, como *Rasga coração*, quer pelo confisco e interdição de obras novas, como *Patética* e *Caixa de cimento*, vencedoras do Concurso do SNT nesse ano.³²

Uma reportagem da revista *Visão* na época tocou no ponto nevrálgico da atuação de Orlando Miranda como diretor do SNT que não podia tratar de forma legalista a ação da censura que inviabilizava os projetos culturais no campo do teatro. Para o autor da matéria,

A verdade é que, seja qual for a solução para o caso, ficou claro mais uma vez que não pode haver normalidade dentro da exceção, como é impossível manter indefinidamente, à custa de boas intenções, as ambigüidades de um sistema que simultaneamente dá prêmios e pune. E que estende a todos os setores da vida nacional – economia, política, relações sociais e cultura – a mesma retórica de liberdade e legalidade a esconder as limitações de fato.³³

Numa análise convergente, o crítico Yan Michalski afirmou: “até agora, quase todo mundo dava-se por satisfeito com a cômoda constatação de que cada órgão atuava

³⁰ ORLANDO Miranda diz que não há pressões no SNT. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 5 ago. 1977.

³¹ In: PARRARAIOS, Ary. O texto é ótimo mas não presta. *Correio Braziliense*, Brasília, 11 out. 1977.

³² PACHECO, Tânia. O teatro e o poder. In: ARRABAL, José; LIMA, Mariângela Alves de; PACHECO, Tânia. *Anos 70: teatro*. São Paulo: Brasiliense, 1983. p. 104.

³³ PRÊMIO SNT. *Visão*, São Paulo, 19 set. 1977.

coerentemente dentro do seu âmbito de competência”. No entanto, com a proibição generalizada das peças premiadas (*Papa Highirte*, *Rasga Coração*, *Invasão dos Bárbaros* e *Caixa de Cimento* estavam proibidas e *Patética* confiscada), já estava em “tempo de se questionar a lógica desta explicação simplista”.³⁴

No *Jornal do Comércio*, o jornalista Medeiros Cavalcanti também questionava as contradições das políticas do regime militar, cuja instituição cultural premiava as peças teatrais para, em seguida, serem proibidas pela censura. “A mão que afaga, é a mesma que apedreja”, afirmou o jornalista pernambucano.³⁵

A partir de então, as boas intenções e o respeito pelo trabalho do diretor do SNT já não bastavam para uma parcela significativa do meio teatral nem tampouco de formadores de opinião que requisitavam um posicionamento crítico diante das políticas culturais.

Aumentava-se a pressão sobre o diretor do SNT que, por sua vez, demonstrava desanimado com a situação. Ao ser indagado sobre o que achava da censura, Orlando Miranda apenas respondeu que, naquele momento, não achava nada: “se começar a pensar mais no assunto, vou enlouquecer. Ou paro e não faço mais nada, ou sigo em frente”.³⁶

Diante de tal dilema, o diretor do SNT decidiu permanecer na dianteira do processo e, sem intimidar-se com as críticas, divulgou a realização da 9ª edição do concurso de dramaturgia que, por sua vez, não amenizou a insatisfação dos autores.

Em fins de 1977, os vencedores do concurso do ano anterior reuniram-se em assembléia geral com o meio teatral para discutir o episódio de apreensão da peça *Patética* e, conseqüentemente, a suspensão do prêmio de primeiro lugar. Como resultado do encontro redigiu-se um documento público que manifestava repúdio ao acontecido, solidarizava-se com o autor premiado, homenageava a postura do júri, ressaltava a importância do concurso e, sobretudo, preocupava-se com a autonomia da instituição. Segundo um dos itens do documento,

ante forma pouco clara pela qual se deram as ocorrências em questão, principalmente no que tange à responsabilidade pela iniciativa do confisco da

³⁴ MICHALSKI, Yan. Uma mão corta a outra. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 15 nov. 1977.

³⁵ CAVALCANTI, Medeiros. Censura – questão imemorial. *Jornal do Comércio*, Pernambuco, 1 jan. 1978.

³⁶ In: RETRATO cultural. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 12 out. 1977.

peça premiada em primeiro lugar, e que podem, inclusive, configurar uma lastimável perda da imprescindível autonomia do SNT, em sua qualidade de entidade cultural, consecução dos altos objetivos a que se propõe.³⁷

Mesmo com a autonomia ameaçada, a instituição cultural centralizava, no final de 1977, um número considerável de concursos na área de teatro. Além da divulgação dos editais dos concursos Prêmio SNT, Prêmio Serviço de Teatro-Dramaturgia Infantil, III Concurso Universitário de Peças Teatrais, II Concurso Nacional de Monografias, Concurso de Peças de Teatro de Boneco, Concurso Texto de Comédia, Prêmio Van Jafa de Reportagem, a implementação de políticas culturais pelo SNT expandiam o raio de ação para outros estados e estabeleciam novas parcerias com setores do governo.³⁸

Diante das dificuldades na entrega dos prêmios, de leitura pública, de publicação das peças, de montagem dos espetáculos e, sobretudo, do confisco de uma obra, a comissão julgadora não só reportou-se ao diretor do SNT como também divulgou uma carta pública na qual demonstrava insatisfação com as ações do governo e estabelecia condições para a efetivação do concurso, ainda que Ilka Marinho Zanotto, Tânia Pacheco, B. de Paiva, Jairo Andrade e Luiz Carlos Ripper acreditassem na lisura do concurso de dramaturgia e na honestidade do diretor do SNT e, por isso, aceitaram o convite de júri do prêmio. Uma das exigências da carta relacionava-se, sobretudo, à liberdade dos jurados que não aceitavam, sob hipótese alguma, “qualquer pressão, adiamento ou estabelecimento de condições, de qualquer órgão por nós considerado alheio e intruso ao âmbito cultural, no funcionamento desta comissão julgadora”.³⁹

Ao publicar a carta na coluna “Todo dia é dia”, o jornalista Pedro Porfírio fez o seguinte comentário: “era para saber distinguir bem as coisas, porque a mais lúcida administração do SNT não poderia ser atingida por um episódio que fugia ao seu controle e teria que ser preservada porque o mais importante era todo um período de luz que se inaugurou no teatro com a ascensão de Orlando Miranda ao órgão federal”.⁴⁰

³⁷ CUNHA, Itamar. A estréia de uma peça premiada pelo SNT e o repúdio dos dramaturgos brasileiros. *Diário Popular*, São Paulo, 28 out. 1977.

³⁸ MEC e Funarte promovem concursos de peças. *Folha da Tarde*, São Paulo, 24 dez. 1977.

³⁹ Ver carta na íntegra em PORFÍRIO, Pedro. Todo dia é dia. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 12 maio 1977.

⁴⁰ PORFÍRIO, Pedro. Todo dia é dia. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 12 maio 1978.

Na nova edição do “Prêmio SNT”, inscreveram-se 243 peças teatrais⁴¹ e venceu mais uma vez Marcus Vinicius que já tinha ganhado dois anos antes o mesmo concurso com a peça *Domingo, Zeppelin* e, no ano seguinte, o prêmio de leitura com o texto *Jornada das Fundo das Rede*.⁴² No concurso de 1977, a peça premiada foi *Boca do Inferno* que tinha como pano de fundo as relações entre cultura e poder e contava a história do poeta Gregório de Matos que viveu no século XVII. Gregório de Matos teve os originais confiscados pela censura colonial e foi deportado para Angola pelo governo português enquanto João Ribeiro Chaves Netto teve uma peça teatral apreendida por órgãos de segurança por tratar de assunto embaraçoso ao regime militar. Marcus Vinicius fez uma analogia entre os fatos e escreveu a peça teatral.

Em *Boca do Inferno*, Marcus Vinicius não desejou escrever uma biografia de Gregório de Matos, mas tratar da sobrevivência do artista numa sociedade mercantilista, da questão da cooptação pela Igreja Católica, do problema da repressão pelo governo português, enfim, da fase de maior enfrentamento do poeta.⁴³ Apesar da relação direta entre os períodos históricos, a peça *Boca do Inferno* não foi proibida pela censura, por isso Marcus Vinicius acreditava num novo tempo.

A nova premiação de Marcus Vinicius causou certo rumor no meio teatral a ponto do vencedor do concurso de dramaturgia declarar:

Daí termos de reocupar o nosso espaço, que foi de Vianinha duas vezes (também pelo SNT), do Jorge Andrade, do João Ribeiro Chaves Neto e de muitos outros autores premiados e até meu com *Domingo, Zeppelin*. Esse espaço não podia ser preenchido pelos autores de comediinhas.⁴⁴

Segundo o jornalista Adones de Oliveira, do jornal *O Estado de São Paulo*,

ter participado do Concurso de Dramaturgia do SNT de 1977 não foi, para o seu vencedor, Marcus Vinicius, um ato gratuito. Ele está ciente de que, tanto ele quanto os 243 concorrentes acabaram dando uma lição de resistência. A não participação, ante a eminência de se repetirem os mesmos fatos que resultaram no confisco de *A Patética*, primeiro prêmio de 1975, significaria um recuo em favor da autocensura.⁴⁵

⁴¹ MICHALSKI, Yan. Concursos do SNT: em julgamento. *Jornal da Tarde*, Rio de Janeiro, 2 maio 1978.

⁴² OLIVEIRA, Adones de. Criação teatral reside nas falas de “Boca do Inferno”. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 30 jun. 1978.

⁴³ OLIVEIRA, Adones de. Lances de Gregório. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 30 jun. 1978.

⁴⁴ In: ZANOTTO, Ilka Marinho. Atual dramaturgia reflete a realidade. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 30 jun. 1978.

⁴⁵ OLIVEIRA, Adones de. Criação teatral reside nas falas de “Boca do Inferno”. *O Estado de São Paulo*,

Naquele momento em especial, a adesão à autocensura não era uma prática apolítica nem tampouco significava um cuidado com a exposição das idéias, mas era entendida como uma sujeição do artista à prática incentivada pelo regime militar e, portanto, um instrumento tão pernicioso quanto a própria censura.

Num contexto de exceção, talvez existisse uma hierarquia temática entre as peças teatrais, se o teatro de revista era considerado um gênero menor para a censura teatral também fora colocado em segundo plano nos concursos de dramaturgia. No entanto, essa predileção temática, insistimos nisso, não caracteriza, de antemão, uma “hegemonia cultural de esquerda”. Se as manifestações teatrais são consideradas expressões do tempo presente desde o teatro grego, as peças premiadas nos concursos de dramaturgia, naquele momento, requisitava um posicionamento crítico diante da realidade brasileira. Desse modo, não compartilhamos da tese de Edélcio Mostaço para quem a ênfase destinada aos concursos de dramaturgia e, em seguida, aos concursos universitários, revelou um canal aberto para o nacional-popular e a prova disso seria a relação de vencedores dos concursos do SNT.⁴⁶

Ainda que houvesse proibições da censura como ocorreu com *Patética* em fins de 1978, o momento histórico também era outro em fins da década, se comparado com os períodos anteriores. Naquela conjuntura histórica, a televisão substituiu o teatro no tocante ao perigo à ordem instituída, cuja atuação da censura não mais se ancorava na expansão do comunismo internacional nem no tema da luta de classes, mas na proteção de crianças e adolescentes e na reconstrução moral da sociedade.

Tomemos como exemplo a peça *Liberdade, liberdade*. No início de 1969, o serviço censório interditou a peça de Flávio Rangel e Millôr Fernandes baseado no argumento de defesa da sociedade brasileira de uma “onda subversiva” e do público teatral de influências comunistas. Ao analisar a publicação da editora Civilização Brasileira e o prefácio de Ferreira Gullar, o técnico de censura José Sampaio Braga considerou a peça teatral um “espetáculo de subversão”, pois utilizava técnicas de doutrinação e linguagem simbólica com o intuito principal de conscientizar a platéia

São Paulo, 30 jun. 1978.

⁴⁶ MOSTAÇO, Edélcio. *Teatro e política*: Arena, Oficina e Opinião (uma interpretação da cultura de esquerda). São Paulo: Proposta Editorial, 1982. p. 173.

teatral dismantelando os valores tradicionais e o poder constituído. No parecer da peça, o técnico de censura afirmou:

o que acabamos de ver é pura e simplesmente subversão, meio pelo qual os seguidores da doutrina marxista-leninista dedicaram muito de seus esforços na análise e na formulação de planejamentos para sua expansão. Os instrumentos de ação podem variar, os objetivos são mantidos.⁴⁷

Dez anos depois, os censores estaduais não só ressaltaram a qualidade artística da peça *Liberdade, Liberdade* como também aprovaram o espetáculo teatral com classificação livre. Segundo o técnico de censura Domingos Sávio Ferreira, em análise do processo de interdição da peça teatral, *Liberdade, Liberdade* foi interdita em contexto específico, no início de 1969, “quando a necessidade de manter sob rígido controle os meios de comunicação chocava-se com a principal pregação da peça: a liberdade de expressão. Esse confronto foi considerado inoportuno por desgastar demasiadamente a imagem do governo”. Porém, no momento atual, março de 1979, “esse confronto foi esvaziado face à suspensão da censura aos meios de comunicação, dentro de uma orientação política caracterizada pela abertura”.⁴⁸

Nessa nova fase da censura teatral, o vencedor da 9ª edição do concurso de dramaturgia, estava otimista com a situação política atual. Segundo Marcus Vinicius, a circunstância política evoluiu e, a partir de então, os autores de teatro se reprogramaram, afinal “sem esse evoluir nem eu nem os outros autores entraríamos no concurso”, assim “se não houvesse esse começo de respiração conquistado pelo povo brasileiro, não haveria condições”.⁴⁹

Para agravar ainda mais a antipatia contra os defensores de um “teatro comercial” e a desconfiança de favorecimento dos prêmios do SNT, o vencedor do concurso dedicou a peça “à memória do amigo Paulo Pontes”. Numa época difícil, a dedicatória afetuosa era elemento suficiente para demarcar os vínculos do dramaturgo

⁴⁷ Parecer do TC do SCDP José Sampaio Braga. Brasília, 10 abr. 1969. In: Processo de censura da peça *Liberdade, Liberdade* ou *Seleção de Textos*, de Flávio Rangel e Millôr Fernandes. Fundo DCDP, Arquivo Nacional.

⁴⁸ Parecer do TC da DCDP Domingos Sávio Ferreira. Brasília, 14 mar. 1979. In: Processo de censura da peça *Liberdade, Liberdade* ou *Seleção de Textos*, de Flávio Rangel e Millôr Fernandes. Fundo DCDP, Arquivo Nacional.

⁴⁹ In: ZANOTTO, Ilka Marinho. Atual dramaturgia reflete a realidade. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 30 jun. 1978.

com a “hegemonia cultural de esquerda”, ainda que, no momento de leitura, a comissão julgadora não tivesse conhecimento da autoria da peça teatral.

MATERIAIS E MÉTODOS

Na historiografia atual, os trabalhos sobre as instituições deixaram de basear-se tão-somente numa história cronológica e em documentos oficiais que, via de regra, resultavam em trabalhos burocráticos, sem a evidência de contradições, e passaram a atribuir igual significado às trajetórias biográficas e a novas fontes que, de modo geral, concentraram-se nas formas de sociabilidade e no dinamismo das relações.

Num contexto específico, a pesquisa histórica de uma instituição cultural guia-se, portanto, por documentos oficiais que compõem o acervo do SNT, no período delimitado, assim como por fontes alternativas que evidenciam opiniões diferenciadas do processo histórico. Esse cruzamento de fontes visa, conforme assinalou a historiadora Rosangela Patriota, estabelecer “uma mediação entre o documento e o processo no qual ele foi confeccionado, com objetivo de construir diálogos e evidenciar possibilidades interpretativas, que contribuam para o conhecimento de experiências passadas e auxiliem a enfrentar os impasses contemporâneos”.⁵⁰

Tanto os documentos oficiais quanto as fontes alternativas encontram-se sob custódia do Centro de Documentação (Cedoc) da Fundação Nacional de Artes (Funarte). Mediante prévia autorização, realizamos um levantamento detalhado da documentação existente assim como fizemos a reprodução fotográfica das fontes selecionadas. Trata-se de um corpo documental de grande relevância para as pesquisas sobre teatro. Primeiro, porque corresponde a um material inédito com acesso restrito⁵¹ e, segundo, porque registra as atividades cotidianas de uma agência de fomento, além de evidenciar uma série de contradições do universo teatral.

Do acervo do SNT selecionamos, em primeiro lugar, os relatórios de atividades que permitem levantar as verbas da instituição para o setor teatral assim como os

⁵⁰ PATRIOTA, Rosangela. O teatro e o historiador: interlocuções entre linguagem artística e pesquisa histórica. In: RAMOS, Alcides Freire; PEIXOTO, Fernando; PATRIOTA, Rosangela (orgs.). *A história invade a cena*. São Paulo: Alderaldo & Rothschild, 2008. p. 44.

⁵¹ Cabe lembrar que a consulta ao acervo do SNT é restrito aos pesquisadores mediante autorização, a qual já dispomos, enquanto que o acesso às reportagens jornalísticas é livre para o público em geral.

beneficiários dos programas de ação cultural e, em segundo lugar, as correspondências internas que possibilitam não só mapear as ações culturais no campo do teatro como também visualizar uma rede de intercomunicação entre instituições culturais com setores do governo de um lado e meio teatral de outro. Os relatórios de atividades assim como as correspondências internas possuem mais de 2000 páginas e como ainda não passaram por um tratamento arquivístico, decidimos primeiro selecioná-los para, em seguida, examiná-los.

Entre as fontes alternativas destacamos as reportagens jornalísticas, os depoimentos pessoais e as críticas teatrais que evidenciam a constituição de um debate sobre políticas culturais assim como as contradições dos programas de ação cultural. Essa documentação é, além de variada, também volumosa, cerca de 1400 fotocópias de documentos. O levantamento das fontes na biblioteca da Funarte orientou-se pela organização temática dos acervos de origem, ou seja, a documentação reunida em torno de entidades como a ACET, teatros como Opinião e personalidades como Oduvaldo Vianna Filho, Orlando Miranda e Paulo Pontes.

CONCLUSÕES

Desde a redação do projeto, perguntávamo-nos se havia, de fato, alguma espécie de favorecimento de uma vertente do teatro ou indução do júri na eleição dos melhores textos. De um lado, o que se percebe é que a temática política destacou-se entre os vencedores do concurso, de outro, essa constatação prévia não se converteu em indício de privilégio de nenhuma ordem. Acreditamos que o depoimento de Orlando Miranda acerca da função social do teatro indica uma possibilidade de interpretação, ou seja, o momento histórico requisitava um teatro crítico acerca da realidade nacional e, sendo assim, é neste contexto em específico que devemos analisar a demanda por temas de natureza política.

Além da expansão dos prêmios para outros estados, o setor teatral é contemplado com os prêmios MEC de teatro e os troféus Mambembe e Mambembinho.⁵² Uma das últimas preocupações da direção do SNT, antes deste ser anexado à Inacen, foi com as políticas de descentralização dos incentivos ao teatro do

⁵² Portaria n.º 325, de 26 de maio de 1977.

eixo Rio-São Paulo e, assim, idealizaram-se os projetos itinerantes de estímulo à produção teatral brasileira.

Num balanço da década, o dramaturgo Flávio Rangel tratou das relações entre teatro e governo da seguinte perspectiva:

a década trouxe poucos fatos novos, confirmou antigos e revelou paradoxos. O mesmo regime que perseguiu o teatro através do Ministério da Justiça, ajudou-o intensamente através do Ministério da Educação. A atual administração do SNT é, de longe, a melhor que já existiu. A política de subvenção tendo como contrapartida o barateamento do preço dos ingressos aumentou enormemente o público.⁵³

Nem todos pensavam da mesma maneira, até mesmo no setor empresarial. Um produtor de espetáculos como Fernando Torres declarava dispensar, até certo ponto, a subvenção estatal se esta fizesse emergir, no cenário brasileiro, uma arte dirigida.

contraditoriamente, existe um Serviço Nacional de Teatro que, nessa década todinha, nunca despejou tanto dinheiro no teatro, nunca fez tanto movimento em relação ao teatro e para o teatro e, no entanto, nunca proibiu tanto o teatro quanto nessa década. Então, eu fico pensando. Até certo ponto eu dispensaria totalmente o auxílio ou a ajuda governamental, porque aí existe um perigo enorme, porque na medida em que entra o dinheiro que possibilita a feitura de determinados espetáculos, o governo, o sistema, seja lá que nome tenha, passa a dirigir o pensamento do autor, do diretor, do empresário, seja lá de quem for”.⁵⁴

No final da década de 1970, a gestão de Orlando Miranda e as políticas culturais do SNT continuavam a suscitar opiniões controversas e a revelar questões paradoxais. Mais que dar razão a uma ou outra interpretação, devemos apostar nas contradições como princípio que não transformam Orlando Miranda em “mocinho” nem em “bandido”, mas sim numa das principais lideranças do teatro, com vínculos com o governo, que tentou resolver questões complexas durante a ditadura militar.

⁵³ RANGEL, Flávio. O teatro continua vivo e a palavra não morreu. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 11 nov. 1979. Folhetim, p. 6.

⁵⁴ In: CHEGA de raspar o fundo do tacho! *Folha de São Paulo*, São Paulo, 11 nov. 1979. Folhetim, p. 8.

BIBLIOGRAFIA E FONTES

- CAVALCANTI, Medeiros. Censura – questão imemorial. *Jornal do Comércio*, Pernambuco, 1 jan. 1978.
- CHEGA de raspar o fundo do tacho! *Folha de São Paulo*, São Paulo, 11 nov. 1979. Folhetim, p. 8.
- CUNHA, Itamar. A estréia de uma peça premiada pelo SNT e o repúdio dos dramaturgos brasileiros. *Diário Popular*, São Paulo, 28 out. 1977.
- ESCOLHA de “Rasga coração” ao Prêmio SNT-74 emociona os amigos de Vianinha. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 8 abr. 1975.
- L. B. L. Prêmio Serviço Nacional de Teatro. *Jornal do Comercio*, Rio de Janeiro, 5 set. 1964.
- LEVI, Clovis. Escrevam: não sejam aliados do silêncio. *Ele & Ela*, São Paulo, n. 107, 7 mar. 1978.
- LUIZ, Macksen. Com o fim do concurso, o início do diálogo. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, [1974?]. Caderno B.
- LUIZ, Macksen. Com o fim do concurso, o início do diálogo. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, [1974?]. Caderno B.
- MACHADO, Ney. Concurso de peças e cláusula de sigilo. *O dia*, Rio de Janeiro, 5 jul. 1964.
- MAIS prêmios, mais dinheiro para criar. *Última hora*, Rio de Janeiro, 15 abr. 1975.
- MEC e Funarte promovem concursos de peças. *Folha da Tarde*, São Paulo, 24 dez. 1977.
- MICHALSKI, Yan. Cinco meses de obsessão dramaturgica. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 1974. Caderno B.
- MICHALSKI, Yan. Cinco meses de obsessão dramaturgica. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 1974. Caderno B.
- MICHALSKI, Yan. Concursos do SNT: em julgamento. *Jornal da Tarde*, Rio de Janeiro, 2 maio 1978.
- MICHALSKI, Yan. Concursos do SNT: em julgamento. *Jornal da Tarde*, Rio de Janeiro, 2 maio 1978.
- MICHALSKI, Yan. Movimento – premiações do SNT. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 16 mar. 1975.
- MICHALSKI, Yan. Uma mão corta a outra. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 15 nov. 1977.
- MINISTRO dá prêmios e anuncia novo concurso. *O Globo*, Rio de Janeiro, 11 jun. 1976.
- MINISTRO dá prêmios e anuncia novo concurso. *O Globo*, Rio de Janeiro, 11 jun. 1976.

MOSTAÇO, Edélcio. *Teatro e política: Arena, Oficina e Opinião (uma interpretação da cultura de esquerda)*. São Paulo: Proposta Editorial, 1982. p. 173.

MUITAS inscritas, poucas escolhidas: quantas serão encenadas? *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 1974. Caderno B.

NÃO houve 1º colocado no “Prêmio Serviço Nacional de Teatro”. *O Globo*, Rio de Janeiro, 5 set. 1964.

O SERVIÇO Nacional de Teatro: dinâmico, renovado, eficiente... *Folha da Tarde*, São Paulo, 1º jul. 1976.

O SERVIÇO Nacional de Teatro: dinâmico, renovado, eficiente... *Folha da Tarde*, São Paulo, 1º jul. 1976.

OLIVEIRA, Adones de. Criação teatral reside nas falas de “Boca do Inferno”. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 30 jun. 1978.

OLIVEIRA, Adones de. Criação teatral reside nas falas de “Boca do Inferno”. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 30 jun. 1978.

OLIVEIRA, Adones de. Lances de Gregório. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 30 jun. 1978.

ORLANDO Miranda diz que não há pressões no SNT. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 5 ago. 1977.

OSCAR, Henrique. O caso do concurso de peças do SNT. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 3 jul. 1964.

PACHECO, Tânia. O teatro e o poder. In: ARRABAL, José; LIMA, Mariângela Alves de; PACHECO, Tânia. *Anos 70: teatro*. São Paulo: Brasiliense, 1983. p. 104.

PARRARAIOS, Ary. O texto é ótimo mas não presta. *Correio Braziliense*, Brasília, 11 out. 1977.

PATRIOTA, Rosângela. O teatro e o historiador: interlocuções entre linguagem artística e pesquisa histórica. In: RAMOS, Alcides Freire; PEIXOTO, Fernando; PATRIOTA, Rosângela (orgs.). *A história invade a cena*. São Paulo: Alderaldo & Rothschild, 2008. p. 44.

PORFÍRIO, Pedro. Todo dia é dia. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 12 maio 1977.

PORFÍRIO, Pedro. Todo dia é dia. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 12 maio 1978.

Portaria n.º 325, de 26 de maio de 1977.

PRÊMIO de Cr\$ 2 milhões do Serviço de Teatro este ano será disputado por 130. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 1 abr. 1965.

PRÊMIO Serviço Nacional de Teatro. *Luta Democrática*, Rio de Janeiro, 21 jun. 1964.

PRÊMIO Serviço Nacional Teatro. *O Jornal*, Manaus, 17 maio 1964.

PRÊMIO SNT. *Visão*, São Paulo, 19 set. 1977.

PRÊMIOS SNT para os melhores espetáculos. *Revista Teatro 75*, Rio de Janeiro, 1976.

Processo de censura da peça *Liberdade, Liberdade ou Seleção de Textos*, de Flávio Rangel e Millôr Fernandes. Fundo DCDP, Arquivo Nacional.

Processo de censura da peça *Liberdade, Liberdade* ou *Seleção de Textos*, de Flávio Rangel e Millôr Fernandes. Fundo DCDP, Arquivo Nacional.

RANGEL, Flávio. O teatro continua vivo e a palavra não morreu. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 11 nov. 1979. Folhetim, p. 6.

RETRATO cultural. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 12 out. 1977.

SNT divulga resultado prêmios espetáculos de 1976. 16 fev. 1977.

SNT premiará as 5 melhores peças. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 12 abr. 1975.

SNT: o que há com o concurso? *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 23 abr. de 1969.

SOB protesto. *Última Hora*, Rio de Janeiro, 7 out. 1968.

WOLFF, Fausto. Concurso, prêmio e polêmica. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 10 set. 1964.

WOLFF, Fausto. O que foi o concurso de peças do SNT – 1968. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 9 out. 1968.

ZANOTTO, Ilka Marinho. Atual dramaturgia reflete a realidade. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 30 jun. 1978.

ZANOTTO, Ilka Marinho. Atual dramaturgia reflete a realidade. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 30 jun. 1978.